

**DA INFLUÊNCIA DO REGIME MILITAR NO IFCS-UFRJ AO  
IMPACTO DA ACISERJ E APSERJ NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL  
DOS SOCIÓLOGOS - ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS FIORE**

Gracielle Rodrigues<sup>1</sup>

Lier Pires Ferreira<sup>2</sup>

Roberto Mosca Junior Junior<sup>3</sup>

**RESUMO:** Entrevista concedida, como as demais que integram o presente Dossiê da Revista Perspectiva Sociológica,, como parte do resgate da memória de fatos e passagens relacionados ao processo de formação da Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro (APSERJ) nos anos 1980. Os relatos jogam luz sobre a discussão da profissão de sociólogo, que acabou abrindo caminho para luta pela reinserção da Sociologia na escola básica, no segmento então nomeado 2º grau, com a aprovação da obrigatoriedade alcançada na constituição estadual de 1989. São sete depoimentos de cientistas sociais que se envolveram em maior ou menor grau na criação da Associação e na luta pelo retorno da sociologia a escola básica. A presente entrevista é um depoimento de Luiz Carlos Fiore, fundador da APSERJ e professor da SEEDUC-RJ. Os depoimentos fazem parte de uma série de entrevistas realizadas entre setembro 2020 e janeiro 2021 no âmbito da pesquisa acadêmica “Organizações e Lutas pelo Ensino de Sociologia na Educação Básica” proposta pelo prof. Lier Pires em parceria com o prof. Roberto Mosca Junior e a bolsista Gracielle Rodrigues do Programa de Iniciação à Docência desenvolvida no contexto da licenciatura em Ciências Sociais Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

126

**Palavras-Chave:** Ensino de Sociologia, Sociologia no Ensino Médio, Movimentos Sociais, Memória.

**ABSTRACT:** The interview granted herein, like the others included in this Dossier of the Sociological Perspective (issue #32), forms part of cultural memory work through the

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia - Universidade Veiga de Almeida. Ex-bolsista no PIBID/CP2 - 2020.

<sup>2</sup> Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Titular do Colégio Pedro II. Pesquisador do Laboratório de Estudos Políticos de Defesa e Segurança Pública (Lepdesp/UERJ) e do Núcleo de Estudos dos Países BRICS (NuBRICS/UFF).

<sup>3</sup> Doutorando e mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UERJ. Pesquisador (CNPq) do LAEDH/CPII, na linha de pesquisa do Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória (GECISME). Professor do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

recovery of facts and pathways, relating to the formation process of the Professional Association of Sociologists of the State of Rio de Janeiro (APSERJ) in the 1980s. The reports shed light on discussions about the sociologist profession, which ended up paving the way in the struggle for the reinsertion of Sociology into basic education, in what was then called the 2nd grade, with the approval of this obligation achieved in the 1989 state constitution. There are seven accounts from social scientists who were involved to a greater or lesser extent in the creation of the Association and in the fight for the return of sociology to basic education. This interview is an account from Luiz Carlos Fiore, founder of APSERJ and professor at SEEDUC-RJ. The accounts are part of a series of interviews carried out between September 2020 and January 2021, as part of the academic research “Organizations and Struggles for the Teaching of Sociology in Basic Education”, proposed by Prof. Lier Pires in partnership with Prof. Roberto Mosca Junior and scholarship holder Gracielle Rodrigues from the Teaching Initiation Program developed in the context of the Social Sciences diploma at Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

**KEYWORDS:** Teaching of Sociology, Sociology in High School, Social Movements, Memory.

**Lier Pires Ferreira (LP):** É realmente muito importante a gente receber hoje aqui o Luiz Carlos Fiore, pela importância, pela trajetória que ele teve no contexto da ACISERJ (Associação dos Cientistas Sociais do Rio de Janeiro), me corrija se eu estiver errado Fiore, e depois na própria criação da APSERJ (Associação Profissional dos Sociólogos do Rio de Janeiro).

127

**Luiz Carlos Fiore (LCF):** Exato.

**LP:** Antes de nós começarmos a falar sobre...

**LCF:** Na criação da ACISERJ, e depois da APSERJ.

**LP:** Pois é. É esse relato que você vai passar para a gente hoje de uma forma muito sistemática. Mas antes de começarmos nossa entrevista, que vai ser conduzida pelo professor Roberto Mosca Junior, antes de entrarmos, melhor dizendo, nessas associações, que são o foco do nosso trabalho, Fiore, como eu te expliquei, a gente conjuga a memória das instituições com um pouco, também, da perspectiva da trajetória de vida das pessoas com quem nós conversamos.

**LCF:** Sei.

**LP:** E é nesse sentido, que eu queria que você falasse um pouco do seu ambiente familiar, dos seus pais, da formação deles, dos lugares que você estudou. As filiações afetivas,

intelectuais que você teve. Para a gente começar falando um pouco do Fiore, quem é você? Da onde você vem? O bairro onde você nasceu, foi criado? Os teus pais, irmãos, enfim. Falar um pouquinho para a gente da tua história, enquanto um personagem importante do nosso objeto de estudo.

**LCF:** Se é importante eu não sei, mas, enfim. [risos]

**LCF:** Bom, eu nasci em São Paulo, capital.

**Roberto Mosca Júnior (RMJ):** Você falou “nasci em São Paulo”, como era esse ambiente familiar? Formação dos seus pais? Como é que é o ambiente da escola que o Fiore vai estudar? Como é que isso acontece nas suas lembranças do Ensino Fundamental? Na sua época devia ser o clássico, médio, Segundo Grau, enfim. Fala um pouquinho sobre isso, nesse primeiro momento do Fiore que a gente quer escutar na entrevista.

**LCF:** Tá. Então, eu nasci em São Paulo. E meu Ensino Fundamental foi feito lá. Quase concluindo lá. Eu acabei concluindo aqui, no Rio de Janeiro. Por que isso? Meus pais se separaram quando eu tinha sete anos de idade. E aí, a minha mãe, diferentemente do que era comum para todas as famílias da época, foi quem saiu de casa. Se mandou com uma confusão familiar que você pode imaginar, com todo mundo ali, e ninguém querendo que aquilo acontecesse. E ela saiu de casa, vai morar com a irmã e depois... vem morar no Rio de Janeiro. Eu continuei em São Paulo, morando com meu pai e fazendo o Ensino Fundamental em escola pública, aliás...

**RMJ:** Fiore, desculpa, a gente está falando mais ou menos de que ano isso? Você pode falar para a gente?

**LCF:** Caraca. [risos]

**LP:** Mais ou menos...

**RMJ:** É. Qual era a sua idade na época? Você lembra?

**LCF:** Eu tinha sete. Eu tinha sete anos na época. Agora eu...

**RMJ:** Você nasceu em?

**LCF:** Eu nasci em 1949. Eu tenho 71.

**RMJ:** Então, a gente está falando de 1956.

**LCF:** É, 1956, 1957, 1958. Esse período marcou bastante, assim, em termos de convivência com as pessoas, com a escola. E eu era muito ativo na escola. Eu passava e ouvia assim “ele é filho de pais separados, coitado”. Então, era uma época em que isso marcava muito.

**RMJ:** Sim.

**LCF:** E a mulher separada já era vista como uma pessoa de vida comum. E isso passou na minha frente logo de cara, o tempo todo.

**RMJ:** Sim. E isso te marcou, não é?

**LCF:** É. Marcou não nesse sentido de chamar atenção, de ficar ligado nessas coisas. Começar a observar.

**RMJ:** E era uma escola pública?

**LCF:** Era escola pública.

**LCF:** Escola Mário de Andrade, no Brooklyn. Ia a pé e voltava a pé, ia com colegas, e no meio do caminho aquela bagunça, aquela conversa que todo mundo sabe que acontece. Então, o Ensino Fundamental para mim foi muito bom. Primeiro, porque a escola era boa para caramba, isso eu registro. Aliás, eu sempre estudei em escola pública, e todas elas eram de qualidade. E mais no Ensino Médio, posteriormente, eu vim incorporar a compreensão de que “ah, ele é de escola particular”, “ah, ele é do pagou, passou”. Quem estudava em escola pública tinha que fazer por onde, não tinha essa de passar a mão na cabeça de aluno. Então, claro, no sentido de se passar a mão na cabeça, no sentido de acobertar qualquer coisa, que não sei o que, deixar correr. Não, pelo contrário, as escolas que eu estudei, todas eram muito boas.

**RMJ:** No secundário, onde você estudou, Fiore? Você falou do Mario de Andrade, e no secundário, qual era a escola?

**LCF:** Aí depois eu fui morar com minha mãe.

**LP:** Aqui no Rio?

**LCF:** Não. Ainda em São Paulo. E fui morar em Pinheiros, e fui para uma escola lá de Pinheiros, eu não me lembro o nome agora. Depois, eu vim morar no Rio com a minha mãe. E aí eu fui estudar no Ferreira Viana.

**RMJ:** Olha!

**LCF:** Direto. Era antes das férias de meio de ano. Eu tive que ficar parado um tempo. E minha mãe e eu fomos lá no Ferreira Viana. Aí fomos matricular, fui matriculado para começar no segundo semestre.

**RMJ:** Ali na General Canabarro, não é?

**LCF:** Exatamente. Hoje é uma escola técnica durante o dia, uma série de cursos. Eu estudava em um horário que pouco existia, e hoje nem existe, era de 17:30 até 21:30.

**RMJ:** Da noite? Noturno?

**LCF:** Noturno. Era noturno.

**RMJ:** E como é que eram as disciplinas? Sociologia você não teve? Como é que era? Quais professores que te marcaram? Alguma influência já?

130

**LCF:** Todos. As professoras... A professora de Sociologia... Não me pergunta o nome, estou morrendo de vergonha aqui por não lembrar o nome.

**RMJ:** Tem problema não, Fiore.

**LCF:** Ela era influente. E influenciou todo mundo. A minha formação...

**LP:** Desculpa Fiore, eu não peguei. Ela era professora de que?

**LCF:** Sociologia.

**LP:** Você teve Sociologia na Escola Média?

**LCF:** Exatamente.

**LP:** A escola secundária?

**LCF:** Exatamente.

**LP:** Muito bom. Você lembra mais ou menos em que ano foi isso? Aproximadamente.

**LCF:** Ai caraca. Já eram anos 1960, pouco antes...

**LP:** Antes do golpe?

**LCF:** Antes do golpe. Depois, a gente foi marcado pelo famigerado golpe. E muito marcado. Só que...

**RMJ:** Eu queria não perder... Desculpa, Fiore. Eu queria tentar voltar ao Ferreira Viana um pouquinho.

**LCF:** É isso que eu vou fazer.

**RMJ:** Para ver esse ambiente, a professora de Sociologia .

**LP:** Mas ele está lá.

**LCF:** O que você falou Lier?

**LP:** Ele está lá no Ferreira Viana.

**LCF:** Estou lá no Ferreira Viana. Aí, enfim. O golpe marcou a gente. E marcou, principalmente, porque eu tinha convivência com uma turma que tinha gente do Brasil inteiro. E era muito engraçado, porque foi onde eu tive a minha formação política de militância, no sentido que hoje a gente compreende. Que eu não compreendia naquela época, mas que percebia a importância do que estava acontecendo. Então, para vocês terem uma ideia, até hoje eu tenho meus amigos do Ferreira Viana.

**RMJ:** Olha!

**LCF:** Nós nos contatamos. E o Ferreira Viana foi uma influência fundamental na minha vida. Foi fundamental no começo e na compreensão da importância da gente lutar contra a ditadura. E isso a gente praticava. Praticava em ações coletivas, há ideias de ações coletivas. Falei da professora de Sociologia. Professora de Português. Professora de Sociologia. De história. O pessoal adorava a gente. O das exatas também, porque a gente era uma turma muito ativa e todo mundo se auxiliava nas dificuldades. Então, marcou muito a minha formação a passagem pelo Ferreira Viana. E depois, mais recentemente, a gente se viu de novo, porque o povo e o professor do Ferreira Viana, junto com os alunos, chamou um encontro com todos nós para lembrar esse período lá no Ferreira Viana. Então, foi muito importante na minha formação cidadã, se hoje a gente pode falar dessa

forma, de uma maneira mais consistente. Foi realmente onde eu tive as bases. Foi realmente onde eu tive as bases da cidadania, porque a gente não deixava barato. Todos trabalhavam, eu trabalhava, a maioria trabalhava. E eu tinha um colega que trabalhava numa loja de vendas de produtos que era para camelô, para não sei o que, era para todo mundo. Vendia relógio, lá no Saara, o Chico Esteves. Aí o Chico Esteves chegava na escola, com um jornal, correio da manhã debaixo do braço. Aquilo era uma festa quando chegava o Esteves com o correio da manhã debaixo do braço, era uma briga para poder olhar o correio da manhã e ver o noticiário do que se passava. Então, a gente tinha, assim, um dia a dia muito intenso nesse sentido e, principalmente, na direção de reagir contra a ditadura da época, que a gente sentia, assim, com muita restrição, principalmente em cima dos jovens, com a visão profundamente conservadora da vida, do dia a dia, e a gente não aceitava e participava de um movimento social de estudantil...

**RMJ:** Da época?

**LCF:** Da época, exatamente. A gente foi para o centro da cidade, todos uniformizados durante o dia para fazer manifestação contra a ditadura.

**RMJ:** Isso já depois do golpe, você diz, não é?

**LCF:** Isso. Já depois do golpe.

**RMJ:** Ainda no Ferreira Viana?

**LCF:** Ainda no Ferreira Viana.

**RMJ:** Você pega o golpe dentro do Ferreira Viana, é isso?

**LCF:** Exatamente.

**RMJ:** E como é que foi isso dentro da escola? Teve reflexo? Se você puder falar um pouquinho também... Você já está falando, óbvio não é... Dessas filiações intelectuais. Você citou a professora de Português, Sociologia, História. Existia alguma leitura que era recorrente? Como é que você começa a fazer essa transição? A gente pode fazer um pouquinho disso para o campo das Ciências Sociais, você faz vestibular dentro do Ferreira Viana, imagino que você escolhe uma carreira, faz vestibular, como é que é isso?

**LCF:** A gente tinha um grupo muito bem estabelecido. Eram mais amplas as nossas escolhas de carreira universitária. Mas tinha um grupo do qual eu participava, Maurício Murad, não sei se vocês conhecem.

**RMJ:** Maurício Murad, professor da UERJ aposentado.

**LCF:** Isso, aposentado.

**RMJ:** No departamento de Sociologia.

**LCF:** Isso. Que é professor de uma escola lá em São Gonçalo. Eu, Maurício Murad, Alírio, Luiz Antonio Bandeira, esses outros com menos participação posterior. Mas que na época éramos todos militantes. E todos fizemos o vestibular, fizemos o concurso para a UFRJ.

**RMJ:** O Luiz Antonio Bandeira é o professor, não estou confundindo, não?

**LCF:** Não.

**RMJ:** Tudo bem.

**LCF:** De qual Bandeira que você está falando?

**RMJ:** Um professor de Ciência Política, se não me engano, o Lier pode me ajudar. Agora não vou conseguir. Mas eu acho que ele trabalha no IFCS (UFRJ), e na UFF.

**LCF:** Não. Não. Não.

**RMJ:** Não? Então tudo bem. Então, esse grupinho aí fez o vestibular para Ciências Sociais, é isso?

**LCF:** Todos para a UFRJ. A gente fazia UFRJ e outros, mas eu fiz para a UFRJ. Só que eu entrei para o ano seguinte, não só, eu tive que fazer mais de uma vez, eu não fazia cursinho. Eles todos foram fazer cursinho, ali na Mariz e Barros, era... Agora não vou lembrar. Mas, enfim, naquela época existia um cursinho preparatório para você fazer o vestibular. Mas o vestibular daquela época não era como é recentemente. Você fazia para uma universidade só, e não como depois... Depois veio aquele... Eles implementaram, a própria ditadura implementou o vestibular unificado entre as universidades. Aí pintou esse povo da...



**LP:** Cesgranrio?

**LCF:** Hã?

**LP:** Cesgranrio?

**LCF:** Hein? Viva Rio?

**LP:** Cesgranrio?

**LCF:** Cesgranrio, Cesgranrio... Isso, isso. E o povo que estava por trás da Cesgranrio, sem vergonha, enfim. Então, eu fui para a UFRJ já, encontrar os meus colegas que já estavam lá há um, na UFRJ, no IFCS. Então, a militância continuava no nosso dia a dia, nos nossos encontros. Encontros de fim de semana, enfim. Para vocês terem uma ideia, a primeira vez que eu vi pôr do sol. Pôr do sol não, o amanhecer na Baía de Guanabara, foi com esses meus colegas de secundário, que a gente marcava de ir para a cidade, para onde tinha movimento, ir ao cinema. Participávamos muito de cinema. Acompanhávamos muito o cinema. Frequentava muito o cine Paissandu (no Flamengo). A Gracielle... Não sei se vocês têm lembrança.

134

**RMJ:** Eu peguei ainda.

**LCF:** Mas a Gracielle, certamente só se for pelo estudo, referência, infelizmente.

**Gracielle Rodrigues (GR):** Não. Eu não conhecia não.

**LCF:** O Paissandu era o centro de concentração da militância e de filmes engajados.

**RMJ:** É verdade.

**LCF:** Muito bom. Só tinha filme de qualidade.

**RMJ:** E lá dentro do IFCS, Fiore? Você falou que chegou lá, encontrou os seus amigos, como era esse ambiente lá? A impressão que o IFCS te causou, o ensino de Ciências Sociais ali. Imagino que você tenha tido contato com professores de Sociologia, Ciência Política, Antropologia.

**LCF:** Tive.

**RMJ:** Como é que era essa história?

**LCF:** Quando eu cheguei no IFCS...por um lado havia a satisfação de estar lá com os meus colegas, por outro, um assombro, porque meus dois primeiros anos de estudo eram com policiais nos corredores. O IFCS era controlado diretamente pelo Jarbas Passarinho, que era ministro da educação, militar, e...

**LP:** Coronel.

**LCF:** Coronel sem vergonha, safado. [risos]

**LCF:** Daquele vendido. É, é isso mesmo, vendido. Porque era ele que achava que o importante era o ensino privado; então é um negócio de doido.

**RMJ:** Jarbas Passarinho, em 1971, instaura o ensino profissionalizante no Ensino Médio, inclusive, ratificando a saída da Sociologia, que ainda povoava aqui e ali em algumas escolas, como você disse.

**LCF:** Exatamente. Porque só tinha a Sociologia no Ferreira Viana, mas que depois ele retirou. Eles tiraram. Aí...

**RMJ:** Como é que era? Desculpa Fiore. Você falou em “policia no corredor”, como é que era isso? Ter aula de Sociologia, Ciência Política, Antropologia.

**LCF:** Tinha aula.

**RMJ:** Quem eram os professores? Como é que eles se comportavam?

**LCF:** Vou te dizer, tinha dois policiais. Você conhece o IFCS?

**RMJ:** Sim.

**LCF:** Ficava um do lado lá da secretaria e o outro do lado oposto, ficavam ali naqueles corredores, ficavam literalmente. E toda vez que a gente se aglomerava em grupo para conversar, eles chegavam em cima. Chegavam perto. Não faziam nada, mas chegavam perto.

**RMJ:** Fora da sala de aula isso?

**LCF:** Fora da sala de aula. E depois, a gente foi começando a identificar a presença deles dentro da sala de aula.

**RMJ:** Como era isso?

**LCF:** Eram alunos vindo de formação da PM. Vindo de formação do exército. Eram tantos, que vinham estudar Ciências Sociais. Vinham e ficavam ali... Policial a gente identifica logo, não é? À paisana... Eu aprendi a identificar policiais à paisana no IFCS. É impressionante, mas, enfim...

**RMJ:** E os professores? Quais eram?

**LCF:** Os professores eram ótimos. A gente teve uma leva de professores que sofreram com a intervenção, com a opressão no IFCS. Porque o IFCS só foi para o Largo de São Francisco, saindo ali, de Botafogo... O IFCS era em Botafogo... Bom, as Ciências Sociais, primeiro, elas estavam dentro da Faculdade Nacional de Filosofia, que funcionava no prédio onde hoje é o Consulado Francês, ali na Antonio Barros. Ali era FNFi, Faculdade Nacional de Filosofia. Isso tudo que eu estou falando da FNFi, por exemplo, são coisas que eu acompanhei por conta da militância do Ferreira Viana. Na militância do Ferreira Viana, a gente já estava sabendo que na FNFi tinha movimento estudantil de luta contra a ditadura. E aí a gente acompanhou o desdobramento. Acaba a Faculdade Nacional de Filosofia. Separam todas as faculdades. E o IFCS vai para a Marquês de Olinda, que marcou presença com um movimento dos estudantes de Ciências Sociais na Marquês de Olinda. Então, isso tudo por um movimento contra a ditadura;

**LP:** Fiore, me permita só um parêntese.

**LCF:** Claro, fique à vontade.

**LP:** Você falou uma coisa muito interessante para quem como eu trabalha com Segurança Pública.

**LCF:** Sim.

**LP:** Você aprendeu a identificar policiais à paisana no IFCS.

**LCF:** Certo.

**LP:** Quais eram os critérios que de, alguma forma, te indicavam, ou te asseguravam de que aquela pessoa que ali estava era um policial e não um indivíduo neutro qualquer?

**LCF:** Porque eles tinham... Todos eles tinham um comportamento igual. Conversaram só entre eles. Quando se aproximavam da gente tentando alguma conversa, alguma

aproximação, não conseguiam porque tinham uma postura, um diálogo totalmente conservador. A gente percebia. O cabelo deles, que era sempre aquele cabelo quase que reto, sempre marcado. O modo de se vestir, profundamente formal. Que não acompanhava as características da moda dos estudantes. Não acompanhava. Era como se fosse uns peixes fora d'água. E durante as aulas, a participação deles era nula. Você não via uma participação como de qualquer outro aluno de Ciências Sociais. Não tinha. O máximo que acontecia era levantar a mão para perguntar e tirar a dúvida de uma expressão que não estava entendendo. Mas isso era raro.

**LP:** [risos]

**LCF:** Era raríssimo! Interessante saber que você trabalha com segurança pública, Lier. Enfim, mais para a frente pode ser que a gente chegue lá. Mas eu trabalhei no instituto de segurança pública do rio de janeiro durante muito tempo. Quer dizer, durante muito tempo não, deve ter sido uns 02 anos. Aí já numa situação totalmente diferente com o pessoal da segurança pública no ISP. Era outro papo. Era gente mais... Com mais formação, gente que influenciou a carreira de oficiais da PM, no sentido deles estudarem Ciências Sociais e a sociedade, como o professor lá da UFF.

**LP:** O Kant?

**LCF:** O Kant de Lima. Eu trabalhei com o Kant de Lima. Eu tenho contato com o Kant de Lima.

**RMJ:** Essa passagem, em que ano foi?

**LCF:** Isso foi bem mais recente.

**RMJ:** Bem mais?

**LCF:** Bem mais recente.

**RMJ:** Está falando do que? Dos anos 2000 já?

**LP:** Mas desculpa Fiore, vamos voltar ao tema só porque eu fiz essa digressão, porque...

**LCF:** Hã! O que você quer?

**LP:** Vamos voltar ao tema. Eu fiz esse pequeno parêntese para não cortar o teu raciocínio que falava do IFCS.

**RMJ:** Desculpa, Fiore. E aí eu vou insistir sobre...

**LCF:** Os professores.

**RMJ:** Os professores. Quem eram? Como é que eram as aulas?

**LCF:** Exatamente.

**RMJ:** E se você pudesse falar um pouquinho também, como é que você se aprofundando dentro das Ciências Sociais, ou na Sociologia, na Ciência Política, se você fez pesquisa. Se tinha pesquisa. Você foi monitor? Como é que é isso lá?

**LCF:** Não.

**RMJ:** Como é sua trajetória dentro das Ciências Sociais no IFCS?

**LCF:** Na época era totalmente diferente disso. Os professores eram... Eu fui aluno da... [risos] Tinha um professor de economia argentino que eu não me lembro o nome, mas o cara era muito legal, muito bom. O professor de Ciência Política, foi professor na UFF, o... Caraca, tô ficando velho.

**LP:** Aqui tirando a Gracielle, está todo mundo ficando velho...

**LCF:** Pô, que nada cara, que isso?

**GR:** Eu também estou ficando velha gente.

**RMJ:** Se você não lembrar, não tem problema também, Fiore. No contexto das aulas... Você pode ir falando de outras lembranças.

**LCF:** Então, eu sei. No contexto das aulas era... Bom, durante um período a gente tinha de vez em quando a visita do [sujeito] que se fazia diretor no IFCS na época, que era um colaborador, assim, direto da ditadura, explícito. E que tinha um verdadeiro ódio pela gente que tinha postura de militância. Professor que chegava dentro da sala de aula e falava ‘Essa turma aqui é muito boa. O problema dela, dessa turma, é uma meia dúzia de três ou quatro’, ainda falava assim, entendeu? [risos]. E a gente pegava essa fala como uma forma de zoar. É... Como era o nome dele? Bom, daqui a pouco talvez eu lembre.

Foi um professor que marcou pelo conservadorismo, e pela dificuldade das Ciências Sociais de se implementar de forma mais livre dentro do IFCS. Mas tinham outros professores. A gente tinha um problema, porque a gente tinha três professores que foram ex-alunos do próprio IFCS. Como na época, você tinha poucas pessoas formadas em Ciências Sociais... Porque o IFCS era Ciências Sociais, e lá, o nosso currículo era fazer Sociologia, Ciência Política e Antropologia. Você tinha que, a partir do segundo ano, escolher se você ia fazer concentração entre Sociologia e Antropologia ou Sociologia e Ciência Política. E a maioria de nós fez Sociologia e Ciência Política. Caraca, eu estou querendo lembrar do professor de Ciência Política, que foi professor da UFF. Vocês lembram, não?

**RMJ:** Agora, assim, a gente pode tentar resgatar isso. Mas, não sei se o Lier...

**LCF:** Depois ele foi professor da UFF. Porque todos esses três professores que ingressaram no IFCS como ex-alunos do próprio IFCS... E isso por que? Porque o IFCS estava sem professor, precisava aumentar o quadro. Não teve nenhum concurso, não fizeram concurso. Então, meio que puxaram os alunos que tiveram melhor “desempenho”, porque era uma forma de colocar. E aí, o professor de Antropologia, que depois montou a Antropologia do Museu [Nacional]... Caraca.

**RMJ:** É o Gilberto? Não é?

**LCF:** Hã?

**RMJ:** É o Gilberto Velho?

**LCF:** Gilberto Velho. E a mulher do Gilberto Velho.

**RMJ:** Sim. Yvonne Maggie.

**LCF:** A Yvonne Maggie. A Yvonne era uma ótima professora. Não só ótima no sentido de ser excelente em Antropologia, porque eles saíram daqui e foram fazer especialização nos EUA, e quando voltaram entraram no IFCS. E o Gilberto Velho era um metido do caramba, narizinho em pé, ele se achava o rei da “cocada preta”. E a gente vivia se batendo com ele, quando tivemos aula com ele. Agora, a Yvonne não, é uma excelente professora de Antropologia. Depois, a gente teve uma professora de Antropologia que veio de Minas.

Eu tenho que lembrar o nome dessa professora. Como é que pode eu esquecer... uma excelente professora... Com ela...

**RMJ:** É a Eliza Reis?

**LCF:** Não, uma outra. Linda. Linda. Linda. Bonita. Não só o prazer de vê-la em sala de aula, porque ela dava uma aula magistral, porque ela era linda. Mobilizava toda a gente. Eu vou lembrar o nome dela. Que falta...

**RMJ:** Enquanto você não lembra...

**LCF:** Vamos lá.

**RMJ:** Você disse, Fiore, que a maioria fez uma escolha pela Sociologia, pela [Ciência] Política. Como é que é? Eu imagino que você vai se especializar...

**LCF:** Concentra...

**RMJ:** Concentra?

**LCF:** Concentração de disciplina a partir do 3 ano, em Sociologia e Ciência Política

**RMJ:** Perfeito.

**LCF:** Ou Sociologia e Antropologia. Isso fazia parte do currículo do IFCS. Você entrava lá para estudar Ciências Sociais e depois você optava entre Sociologia e Antropologia, ou Sociologia e [Ciência] Política. Você fazia uma opção, certo? E isso, de certa forma, influenciou o fato do mestrado da pós-graduação no IFCS ser uma pós-graduação em Sociologia e Antropologia. Mas na época era ótimo ir para o IFCS. Imagina, eram 07 horas da manhã... 07 horas da manhã a gente estava lá, se encontrava ali naqueles bares que tinham do lado do IFCS para tomar café da manhã, e depois subia. Inevitavelmente a gente estava lá. Então, tinha uma frequência significativa, quando alguém não aparecia, pô... Não tinha celular naquela época. A gente já ficava louco, preocupado... O que estava rolando?

**RMJ:** Fiore, deixa eu te perguntar uma coisa. Aproveitar esse gancho. Imagino que você faz o IFCS então, tem essa vivência toda, e vai se aproximando do final do curso. Porque um ponto da nossa conversa...

**LCF:** Sim, a licenciatura.

**RMJ:** Ela é sobre a carreira, não é? Ou a licenciatura, se você quiser falar, é fundamental para a gente. Já tinha a licenciatura? Essa formação para professor de Sociologia? E aí você pode falar um pouquinho sobre seu início na carreira no campo profissional de Sociologia, quando você sai do IFCS, para onde você vai?

**LCF:** Deixa eu concluir então essa parte da graduação, porque no IFCS, na UFRJ, e o currículo de Ciências Sociais na UFRJ, é um currículo... Não sei se hoje, mas na época e durante muito tempo, foi um currículo básico do MEC para licenciar qualquer outra formação de Ciências Sociais ou Sociologia. Então, no último [ano] a gente tinha que... inevitavelmente, no último ano fazer a licenciatura. Tinha gente que até fazia depois, terminava a graduação e depois ia fazer a licenciatura porque não teve tempo, que não sei o que. Foi o meu caso: eu cheguei a frequentar a licenciatura ainda na graduação, mas eu me graduei primeiro para depois voltar a fazer a licenciatura. E isso eu fiz uns 05 ou 02 anos depois de graduado. E eu me graduei em 1974 em Ciências Sociais. Porque eu queria me formar, e precisava trabalhar, eu não tinha ninguém que me sustentava, eu morava com a minha mãe, com meus tios, e depois eu fui morar na casa de um colega meu, do Ferreira Viana, cuja família, era aquela família mineira que abraça e te acolhe. E eu fiquei morando 10 anos lá, na Piedade, na casa do Alírio, meu grande amigo. Então, eu morava na Piedade e tinha que correr atrás, trabalhar no que aparecia.

**LP:** Com a sua mãe, no Rio, você morou aonde?

**LCF:** Com a minha mãe, eu morei em Laranjeiras. Porque a minha mãe era enfermeira que cuidava de recém-nascido em casas particulares. E a gente morou em Laranjeiras durante um tempo. Mas eu ficava mais na Piedade do que em qualquer outro lugar. Depois é que eu voltei para Laranjeiras, e aí eu já estava formado, me formei. Da turma toda, eu fui o único que conseguiu um emprego como sociólogo, assinando carteira, e foi logo depois... Só que eu fui trabalhar com a BEMFAM, não sei se vocês sabem o que é. É Sociedade de Bem-Estar Familiar no Brasil, que no fundo, na época, estava instalada em todas as universidades federais, ligados aos cursos de ginecologia, obstetrícia, e fazia a difusão do controle da natalidade. Eles não diziam isso na época, mas difundia, distribuía pílula, DIU, fazia todas essas coisas. E eu fui trabalhar lá. O interessante foi quando eu



fui fazer a entrevista para o mestrado do IFCS, na entrevista me perguntaram: ‘mas como é que você foi parar lá?’, eu fui parar lá, porque eu vi um anúncio de emprego no jornal, desesperado, querendo trabalhar. E fui ganhar bem, eu fui ser chefe do Departamento de Estatísticas da BEMFAM na época, e ganhava um salário que nossos colegas todos invejavam. Só que a BEMFAM era isso que eu estou falando, entendeu? Totalmente influenciada pelos militares, ligada à difusão das teorias do Malthus, de que os problemas brasileiros e da pobreza tinham a ver com a existência de muitos filhos. Então tinha que promover o acesso a esses anticonceptivos que permitiam diminuir o número de filhos nas famílias brasileiras. Esse era o propósito da BEMFAM. E era impressionante, era uma estrutura que existia em todas as universidades federais do Brasil, junto aos cursos de ginecologia. Por que? Eles distribuía, começaram distribuindo DIU e depois pílulas anticoncepcionais, distribuía gratuitamente. De três em três meses, as mulheres iam para as clínicas da BEMFAM, faziam um exame ginecológico, faziam um exame psicológico. Coisa que não tinha, que não existia, imagina. Aquela quantidade de mulheres que iam atrás de pílulas para não engravidar porque não queriam, isso é fato. A maioria mesmo não queria engravidar. Então, aquilo estava sendo oferecido, elas iam atrás. E a BEMFAM era financiada por laboratórios estrangeiros, que faziam experiências com os anticonceptivos aqui. Desde o DIU, até os anticonceptivos, então...

**RMJ:** E lá, Fiore, você desenvolvia um trabalho com os conhecimentos das Ciências Sociais, pesquisa, é isso?

**LCF:** É.

**RMJ:** O que você fazia exatamente?

**LCF:** Lá eu fui chefe de Departamento de Estatísticas.

**RMJ:** Pesquisa?

**LCF:** É. Mas eles não chamavam de pesquisa, chamavam por esse nome: Departamento de Estatística. Pesquisa não era coisa para a gente. Mas eu fazia um levantamento de dados. Eu faço até uma distinção, e aprendi na BEMFAM, na prática, a fazer a distinção entre levantamento de dados e pesquisa. Levantamento de dados não é uma pesquisa, é uma coleta de informações organizadas. A pesquisa pressupõe você ter alguma teoria, trabalhar um tema a partir de uma problemática, questionar isso, buscar métodos,

princípios, conceitos para desenvolver. E eu não fazia isso na BEMFAM. A BEMFAM não estava afim disso. A BEMFAM queria dados estatísticos para fazer propaganda junto aos milicos. Um dos milicos que frequentava a BEMFAM era um ministro da justiça na época, era um canalha, safado, sem vergonha. Ai caramba...

**RMJ:** Você lembra o nome dele? Não? A gente está falando de que ano, Fiore?

**LCF:** Bom, na BEMFAM eu já estava formado, foi depois de 1974. Foi 1974, 1975, 1976... 1975, 1976...

**RMJ:** Ministro do Geisel então, não é? Ministro do Geisel?

**LCF:** É, é... Era ministro da justiça, o bambambã, metido para caramba, falastrão e a BEMFAM funcionava na Rua das Laranjeiras, do lado era um casarão que ainda existe, do lado do... Como é aquele negócio na Rua das Laranjeiras? Logo ali no meio, eu acho que é um instituto de educação de surdos e mudos, não é isso? Acho que é isso.

**RMJ:** Sim, sim.

**LP:** Fiore, só para tentar contribuir aqui, o ministro da justiça era o Armando Falcão, nessa época?

**LCF:** Armando Falcão, exatamente.

**RMJ:** Perfeito.

**LCF:** Safado, canalha daquele, vendido... [risos] Estou falando sério. Pode até tentar me processar, mas era um canalha vendido da BEMFAM, ia lá, entendeu? Dá toda uma proteção a BEMFAM, e evidentemente, comia na mão da BEMFAM... Sem vergonha, sem vergonha...

**RMJ:** Fiore, você fica na BEMFAM até quando? Já conhece a ACISERJ? Vai trabalhar com o ensino de Sociologia? Como é que é essa história para a gente tentar iniciar...

**LCF:** Hum... Não. Ainda não...

**RMJ:** Iam se aproximando os anos 1980?

**LCF:** Ainda não. Eu estava era na militância, de qualquer maneira, por fora. Uma militância com os meus colegas.

**LP:** Partidária?

**LCF:** Hã?

**LP:** Partidária?

**LCF:** Não. Ainda não tinha partido, cara. Só tinha Arena e...

**LP:** MDB?

**LCF:** É.

**RMJ:** Então, você falou que não tinha partido ainda, você estava na militância, na BEMFAM.

**LCF:** É. Os partidos eram Arena e MDB.

**RMJ:** Que militância era essa que você estava? Era o pessoal da Sociologia?

**LCF:** Não, era o pessoal das Ciências Sociais. Era o meu grupo das Ciências Sociais que a gente militava e se engajava nas lutas que aconteciam, que estavam ocorrendo. íamos como grupo, como coletivo o tempo todo.

144

**RMJ:** Ali já pela redemocratização, eu imagino, não é? Já é um processo de...

**LCF:** Já. Lutando pela redemocratização. Depois teve a luta pela anistia. Mas aí, na luta pela anistia eu já estava na ACISERJ. Bom...

**RMJ:** Ah é? Como é essa história aí? Como é que você chega na ACISERJ?

**LCF:** Esse período que eu estou falando, começa a articulação da ACISERJ. Nessa articulação, meu contato era com o professor Gisálio Cerqueira. Grande Gisálio!

**LP:-** Que é o nosso próximo entrevistado, como eu te falei ontem.

**LCF:-** Isso, você me falou. Grande professor, *putz grilo*. Aprendi muito com o Gisálio. E aí, Gisálio militava, ele dava aula na PUC e militava na época, também, contra a ditadura, pela redemocratização. A gente não falava “pela redemocratização” não, que eu me lembre daquela época, a gente falava de “luta contra a ditadura”. E era pau, fazíamos atividades, enfim. E eu tive contato com o Gisálio, que já conhecia do Ensino Médio. Porque no Ensino Médio, lá no Ferreira Viana, o nosso grupo fez muitas

manifestações. E nessas manifestações acontecia da gente se reorganizar para participar tanto do movimento estudantil secundarista, quanto para ir ao cinema. Promovemos, no Ferreira Viana, uma semana de cinema brasileiro. Uma semana de cinema brasileiro, trazendo atores para debater no auditório do Ferreira Viana. Não sei se vocês conhecem o Ferreira Viana.

**LP:** Não.

**LCF:** Se não conhece, deveriam conhecer.

**RMJ:** É lindo o auditório. Eu estudei no Ferreira Viana.

**LCF:** Tu estudou no Ferreira Viana? Que maravilha!

**RMJ:** Depois a gente bate esse papo. Mas estudei lá.

**LCF:** Não, tudo bem. Pois é, o Ferreira Viana é um exemplo do que era efetivamente uma escola pública, tinha tudo. Naquele auditório do Ferreira Viana tinha uma sala de cinema lá em cima, que tinha projetores de cinema de 35mm, que tinha cinema da cidade que não tinha. Quando a gente fez a semana de cinema, nós fomos buscar operadores de cinema, lá no cinema da praça Saens Peña, para eles poderem operar os projetores. E os caras ficaram putos, queriam que a gente arrumasse um jeito para eles serem contratados para trabalharem lá. Mas o cinema do Ferreira Viana não funcionava, a não ser pela nossa movimentação.

**RMJ:** E foi aí, Fiore, que você conheceu o Gisálio?

**LCF:** Exatamente. Nesse período, a gente chegou a ter contato com o Gisálio. Porque o Gisálio foi professor do cursinho pré-vestibular que meus colegas fizeram. E aí de vez em quando...

**RMJ:** E você reencontra ele lá no final da década de 1970 na ACISERJ?

**LCF:** Exatamente.

**RMJ:** Conheço essa história.

**LCF:-** Exatamente. Aí, a gente se encontra no movimento de criar uma associação de mobilização para lutar contra a ditadura. Gisálio, na época, dizia explicitamente “eu

defendo a formação de uma associação de Sociologia e Política, sociólogos e políticos”, era isso que ele defendia na época. E outros defendiam essa formação de uma associação mais ampla. Aí, o movimento em função da luta contra a ditadura foi crescendo e foi incorporando profissionais das Ciências Sociais de um modo geral. Geógrafos, historiadores, gente de tudo quanto era canto do Rio de Janeiro, que não tinha espaço de manifestação e que veio ali se encontrar. Nisso Lier, tinha, evidentemente, os militantes das Ciências Sociais que eram do PCB, do partidão... o famoso partidão. E os do PCdoB também estavam presentes. Mas também tinham militantes da Ação Popular Marxista-Leninista. O Jair Ferreira, que vocês têm aí a rolar, que infelizmente faleceu, foi meu outro companheiro com quem, também, aprendi muito. Ele era o...

**LP:** O Jair assinou com você a ATA de fundação da APSEJ.

**LCF:** Ele assinou, exatamente, porque a gente estava junto. A gente se encontrou nesse movimento, e eu conheci o Jair Ferreira. E aí, a gente depois fez... Foi com outros laços... Ele, o Jair Ferreira, era na época o secretário geral da Ação Popular Marxista-Leninista, para você ter uma ideia. E só tinha peso pesado. O único que não era pesado era eu, a não ser no que diz respeito a... Mas naquela época, nem na balança eu era pesado, pelo contrário.

**RMJ:** Isso é na ACISERJ que você diz, Fiore?

**LCF:** Já no movimento da ACISERJ.

**RMJ:** Quem eram os nomes que estavam na ACISERJ? Como é que era?

**LCF:** De destaque para o meu lado tinha o Jair Ferreira, veio depois, primeiro, o Gisálio Cerqueira, estava eu, a Izabel Picaluga, já falecida, quem mais?

**LP:** Maria Celina, estava com vocês?

**RMJ:** Araújo?

**LCF:** Ela estava, mas ela veio com o grupo da Dulce Pandolfi.

**RMJ:** Dulce Pandolfi?

**LCF:** Por que o grupo da Dulce Pandolfi? Dulce Pandolfi, Celina e um monte de gente trabalhavam na Fundação Getúlio Vargas.

**LP:** O Eduardo Gomes estava nessa?

**LCF:** Estava. Todos.

**RMJ:** O Luiz Werneck Vianna?

**LCF:** O Luiz não. O Luiz Werneck, era professor do IUPERJ. Eles achavam o pessoal... o Luiz Werneck, nem tanto. Mas a maioria da IUPERJ achava "isso aí é manifestação de...". Porque eles eram profundamente elitistas, narizinhos em pé, o povo da IUPERJ da época, que era a pós-graduação que existia em Ciências Sociais, montada pelo Cândido Mendes.

**RMJ:** Fala para a gente desse grupo da Fundação Getúlio Vargas, que me parece que eles, junto com vocês, solidificaram esse projeto da ACISERJ, não é?

**LCF:** Exatamente. Por isso mesmo. Aí, fortaleceu o grupo, só que a gente queria fazer uma associação de sociólogos e cientistas políticos. E aí na discussão, a gente foi derrotado na assembleia, porque tinha muito mais gente participando, e o povo do PCdoB, PCB, queria, como sempre, galera para legitimar a sua militância, a sua ação política. Então, quanto mais gente, melhor. E aí, estava geógrafo, historiador, tudo isso. Coisa que na nota...

**RMJ:** Na ACISERJ?

**LCF:** Na ACISERJ, originalmente, todos esses profissionais tinham acesso. Era Ciências Sociais em geral.

**LP:** *Lato sensu*?

**LCF:** *Lato sensu* mesmo.

**LP:** Você lembra o ano de criação?

**LCF:** Vocês estão querendo me matar com isso... [risos]

**RMJ:** Tudo bem, querido. A gente tem...

**LP:** A gente mata suavemente... [risos]

**RMJ:** É. A gente tem a data de 1977, não é, Lier? Registrado.

**LCF:** O Mosca, tu ouviu o que ele falou?

**RMJ:** Suavemente... O Lier é um brincalhão... [risos]

**LCF:** Eu sei que ele é um brincalhão. Mas sabe qual é a tradição? De onde vem essa tradição?

**RMJ:** Não, de onde?

**LCF:** Da PM... É de polícia... Você olha, cara... [risos]

**RMJ:** Lier trabalha muito com...

**LCF:** Trabalhava muito com...

**RMJ:** ... segurança pública, já assumiu o *ethos* aí dos policiais... [risos]

**LCF:** Pois é. Eu sei, mas...

**LP:** Eu já te falei que eu trabalho com segurança pública... [risos]

**LCF:** Eu sei... Você está me alertando ou está me ameaçando? [risos]

**LP:** Eu plantei para você... [risos]

**LCF:** Pode um negócio desse? [risos]

**RMJ:** Fiore, deixa eu...

**LP:** Estou usando, Fiore, um jargão interno que essa garotada não entende, rapaz...

**LCF:** É, não é?

**LP:** Comunicação reta, olha... [risos]

**LCF:** Está fazendo continência? Para com isso, menino. [risos] Fazer continência é o caramba...

**RMJ:** Fiore, a gente passou de uma hora de reunião...

**LCF:** Vamos lá...

**RMJ:** ... de papo... E eu queria ver se a gente conseguia através da sua memória, fazer essa passagem da ACISERJ, desse ambiente... Ontem, inclusive, a gente descobriu... não

é, Lier e Gracielle?... Um documento que é sensacional, porque é uma ATA de uma reunião no final de 1981, apontando para uma primeira eleição da APSERJ, para eleger a diretoria da APSERJ que é fundada em 1982... Você pode falar um pouquinho dessa passagem? E aí, imagino, que você vá falar sobre como você conheceu a APSERJ, e falar nisso nesse momento, ACISERJ, APSERJ...

**LCF:** Eu fui fundador da APSERJ. Esse movimento desemboca na APSERJ. E qual era o grande diferencial? Nós...

**LP:** Fiore, antes de você falar disso, uma dúvida: você também foi fundador da ACISERJ, não é?

**LCF:** Sim. sim... das duas.

**LP:** Sim.

**LCF:** Das duas. Só que na ACISERJ eu fui derrotado na proposta de formar a associação junto com o Gisálio e outros que defendiam a associação de sociólogos e cientistas políticos. O que acontece nesse processo? A gente vai se distinguindo desse grupo mais amplo da ACISERJ. Que era um grupo que ficava voltado à luta contra a ditadura. E na verdade, depois incorporou a luta pela anistia, incorporou a luta pela liberdade, enfim. E foi em frente. Quando a APSERJ se funda, a gente continua incorporando essas lutas todas. E a APSERJ se constituiu como a associação profissional de sociólogos. Por que profissional? Porque a gente tinha interesse em criar um sindicato. Por que isso? A ditadura fechou tudo, não permitia nada. Então, a gente queria um órgão representativo da categoria, e no enfrentamento contra a ditadura. Tanto que na ATA, vocês vão ver a gente... A ATA é feita dentro dos padrões do Ministério do Trabalho. Porque era o Ministério do Trabalho que regulava tudo. Se você quisesse criar um sindicato, você tinha que seguir uma cartilha do Ministério do Trabalho para poder conseguir ter a carta sindical. Então, nós fomos nessa direção. Por que? Porque uma das exigências é de que a gente tinha que ter uma associação profissional, não era qualquer associação civil, era uma associação profissional, de profissionais identificados, caracterizados, essas coisas todas.

**LP:** A ACISERJ já era uma associação profissional?



**LCF:** Não, senhor. Não. Era uma associação civil, sem fins lucrativos, como toda e qualquer associação civil. Tinha que seguir as regras de fundação, estabelecidas pela legislação que regula a organização civil na sociedade. Então, a ACISERJ foi isso. A APSERJ não, já era uma coisa mais específica e tinha como finalidade fundar um sindicato. A gente queria fundar um sindicato de sociólogos e cientistas sociais no Rio de Janeiro, que iria agregar todos os profissionais que trabalhavam em empresa no Rio de Janeiro, e que não tinham registro na carteira profissional como sociólogos. Eu, por exemplo, que tive, eu era um caso raro de ter me formado e de ter conseguido um emprego de carteira assinada escrito ‘sociólogo’. Eu fui contratado pela BEMFAM como sociólogo.

**LP:** E você, ao mesmo tempo que trabalhava nessa entidade, também era professor?

**LCF:** Não, ainda não.

**LP:** Ainda não...

**LCF:** Ainda não, porque eu trabalhava 08 horas por dia direto, não dava cara. Quando eu estava na militância não tinha condição.

150

**RMJ:** Fiore, já existia professores de Sociologia ali naquele meio da ACISERJ? Como é que era isso?

**LCF:** Não.

**RMJ:** Ou só sociólogos atuando, digamos, no mercado, não é?

**LCF:** Geralmente eram sociólogos.

**RMJ:** Ou em instituições públicas.

**LCF:** É. O Gisálio era professor, mas era professor universitário. Professores, como você está falando, de Ensino Médio, só mais tarde que vai aparecer, aí com a nossa luta pela inclusão da Sociologia no Ensino Médio.

**RMJ:** Como é que é isso? Fala um pouquinho para a gente dessa situação.

**LCF:** Essa luta começa na APSERJ, com toda a manifestação que a gente já estava praticando contra a ditadura, era para conquistar a redemocratização. Quando isso foi

alcançado, abriu-se o espaço que a gente lutou pela volta da Sociologia no Ensino Médio. E fizemos uma luta bastante intensa, porque não era só aqui na região, era no Brasil todo. Porque a gente tinha uma articulação com Associação de Sociólogos do Brasil (ASB), lá de São Paulo. A ASB que a gente tinha na época, não é a ASB que a gente tem hoje, e que foi resgatada no período anterior à ditadura, porque com a ditadura a ASB se escondeu, sumiu do mapa. E para vocês terem uma ideia, depois de muitos, muitos anos, eu vim conhecer... Não me lembro o nome dele agora. Um professor gaúcho que ficou com todos os arquivos e registros remanescentes da Associação de Sociólogos do Brasil, antiga.

**LP:** Santo Conterato?

**LCF:** Exatamente. Santo Conterato, nesse período todo de mobilização que eu estou falando, sabia das coisas, porque ele era da UFF, mas nunca botou a cara à tapa. Nunca. Porque se botasse ia levar tapa. Entendeu?

**LP:** [risos]

**LCF:** É. Um cara que ficou escondido com tudo isso, cara. Depois que eu deixei de militar na APSEJ, eu, Maria Helena, aí aparece Santo Conterato com a documentação da Associação de Sociólogos do Brasil de antes da ditadura, que negócio é esse? Estava fazendo o que com isso que não procurou a gente antes? Por que não procurou? Porque tinha medo do conservador. Tinha medo. Eu respeito o fato de ter medo. Olha, francamente, eu vou te contar, na militância você esbarra com cada coisa.

**LP:** [risos]

**RMJ:** Fala um pouquinho para a gente mais da APSEJ, Fiore.

**LCF:** Aí voltando...

**RMJ:** Da campanha.

**LCF:** Pera aí. Aí vamos fundar a APSEJ. O movimento... Aquele grupo, a Dulce, eu, o Gisálio. O Gisálio já mais distante, mas fortalecendo a luta pela criação da associação de sociólogos, a Isabel Picaluga, e...

**LP:** O Jair...

**LCF:** O Paulo, o Jair Ferreira, o Paulo Martins. O Paulo Martins não vai dar entrevista, ele foi categórico ontem, eu falei ‘pô, não estou te entendendo cara, porque que tu não vai dar entrevista?’ aí ele ‘não quero, não vou dar’, eu falei ‘eu hein, tu tá doido?’ [risos] Aí ele falou: ‘não vou’.

**LP:** Perdeu, não é?

**RMJ:** É um direito dele. Uma pena, mas...

**LCF:** Se você me perguntar o porquê eu não sei te responder. Agora, por que? Ele é militante, continua atuando na luta da nanotecnologia no Brasil, de regularizar a nanotecnologia, mas enfim...

**RMJ:** A APSERJ.

**LCF:** Voltando a APSERJ. O propósito, então, era criar a associação profissional, tendo em vista formar um sindicato. Por que? Porque no contexto geral, o movimento sindical estava explodindo. A gente queria formar um sindicato por conta do movimento sindical? Não. A gente queria formar um sindicato porque tinha uma quantidade de profissionais de Sociologia e de Ciências Sociais, trabalhando em empresas, em vários lugares, empresa de pesquisa de mercado, empresa de... como é?

**RMJ:** Instituições públicas?

**LCF:** Instituições públicas, instituições privadas, um monte. Tinha sociólogos em tudo que era canto, cara. Tu não podia imaginar. E sem nenhuma proteção. Aí, a gente começou com a luta pelo reconhecimento da Sociologia como profissão.

**LP:** Luiz Carlos, você me deu uma pista aí. O Paulo Roberto Martins está na FUNDACENTRO? Aquele negócio da nanotecnologia no governo federal?

**LCF:** Não. Ele não está ligado ao governo federal. É movimento a parte. Que eu saiba ele não está ligado. Mas ele é um dos pioneiros da luta pela regulamentação... colocar freios na nanotecnologia no Brasil, na Monsanto, nessas lutas todas da presença da nanotecnologia nos alimentos, isso o tempo todo.

**LP:** Perfeito! Perfeito!

**LCF:** Ele fez pós-graduação na universidade rural, que funcionava na Presidente Vargas, na época, que ele estava aqui e militava na associação. Então, ele fez...

**LP:** O doutorado dele é pela Unicamp.

**LCF:** É, mas aí depois é o doutorado. O mestrado que ele fez...

**LP:** Foi na rural.

**LCF:** Foi na rural. Mais a especialização. Fez a especialização na área de agricultura, essas coisas todas. E aí, a nanotecnologia tem essa banda que ele luta para regulamentar, botar limites na introdução de inovações nanotecnológicas que não se tem controle e não se tem nenhum conhecimento suficiente dos efeitos disso na composição dos alimentos.

**LP:** Luiz, na ACISERJ...

**LCF:** Voltando...

**LP:** ... vocês estavam numa luta coletiva com geógrafos, historiadores, sociólogos, e mais um montão de gente. O eixo aqui da ACISERJ era: luta contra a ditadura e a questão profissional, do campo profissional? Fala um pouquinho sobre isso.

153

**LCF:** Fato. E a questão de regulamentar a profissão de sociólogos. A lei, é uma lei...

**RMJ:** 1984?

**LCF:** Exatamente. Foi uma luta nossa do caramba para isso ser regulamentado.

**RMJ:** Mas aí você já estava na APSERJ, não é?

**LCF:** Já era a APSERJ. Isso aí já era a APSERJ. Daí em diante é tudo APSERJ, apesar... E aí, a luta pela introdução da Sociologia no Ensino Médio, também segue na medida em que a gente consegue o reconhecimento do sociólogo como profissional...

**RMJ:** Profissional.

**LCF:** ... registrado no Ministério do Trabalho. Na minha carteira profissional, eu tenho a assinatura e o contrato. E atrás, na minha carteira profissional, eu tenho o registro da lei, conforme a lei de registros profissionais.

**LP:** Mas, espera aí! Então, só para a gente situar aqui, meus amigos. Tem uma informação aí, temporalmente, que eu quero ajustar com vocês. A lei que regulamenta a profissão dos sociólogos é a 6.888 de 1980.

**LCF:** Claro.

**LP:** Então, não tem nada a ver com a APSERJ. A APSERJ nem existia nessa época.

**LCF:** Não, mas a gente...

**LP:** Ela tem a ver com a ACISERJ.

**LCF:** Mas a luta existia, principalmente por conta do nosso grupo.

**LP:** Sim. A luta existia na ACISERJ.

**LCF:** Se existia ou não existia...

**LP:** Não na APSERJ.

**LCF:** Não, não. Começou porque era sempre uma luta que a gente defendia. Nós defendíamos. Quando eu falo "nós", eu quero distinguir dos geógrafos, historiadores, do pessoal que nem pensavam nisso. Eles nem pensavam em se profissionalizar, nem o que significava se profissionalizar no Brasil, entendeu? Esse qualitativo, esse carimbo, essa classificação. E o povo do IUPERJ torcia o nariz porque eles não consideravam isso importante. Para o IUPERJ, que exercia uma influência muito grande na formação de muita gente da área, só eles faziam um movimento contrário, de desdém, de deboche. Claro. Para eles, eram cientistas. Acabou-se. Nós não éramos cientistas, eles eram. Então, não podia ter cientista profissional. Era uma coisa assim... maluco, maluco. Eu realmente sempre quis entender a posição do IUPERJ. Sempre me dispus a debater, a conversar com eles. E na época... E não é nada, enfim, deixa para lá. Maria Lúcia Werneck era próxima por conta do marido, Werneck. Mas o Werneck não era tão narizinho em pé assim. Eles já tinham um viés mais para a esquerda, menos conservador, mesmo como professores do IUPERJ. Agora o Cezar Guimarães, e tinham outros tantos lá, nem me lembro agora, estrangeiros, que chegavam, não entendiam nada, e também não estavam muito preocupados. Então, na...

**RMJ:** Desculpa Fiore e Lier, porque você colocou essa questão da lei a seis mil...

**LCF:** 88?

**LP:** 6.888

**RMJ:** A 6.888 de 1980, mas depois... É porque eu estou com essa... Foi eu que dei essa informação de 1984, ela é consolidada pelo decreto 89.531 em 5 de abril de 1984.

**LP:** Isso é a regulamentação da lei. É a lei e a regulamentação.

**RMJ:** Isso.

**LP:** Mas a lei que frutifica...

**RMJ:** Sim, sim. Está correto...

**LP:** ... na linha que o Fiore está trabalhando, é de 1980.

**LCF:** Tá.

**LP:** Portanto, ela está dada em um contexto da ACISERJ, que é o foco que o Fiore está falando. Muito importante.

**RMJ:** É, mas eu imagino que em 1984 essa discussão também tenha sido retomada, enfim...

**LP:** Continuou presente.

**LCF:** Ela esteve presente o tempo todo. Porque a gente estava querendo, na luta contra a ditadura e de restabelecer direitos. Um deles era o nosso direito de dizer "eu sou sociólogo". A ditadura veio em cima, vocês não têm ideia, cara.

**LP:** É uma luta identitária, inclusive, profissionalmente falando, no campo profissional.

**LCF:** Exatamente. Identitária e politicamente contra a ditadura. Por que é que ela fazia isso conosco? O Jarbas Passarinho, quando era ministro da educação, ele diz assim, quando tinha manifestação no IFCS, ele caía de pau em cima e dizia "aquilo ali é um antro da esquerda" é não sei o que, que ele falava, entendeu? E o que tinha de gente que não era de esquerda dentro do IFCS, pelo amor de Deus, sempre teve. Tudo estudante que foi fazer Ciências Sociais, muitos nem sabiam porque estavam fazendo Ciências Sociais, entendeu? E eu estava fazendo com um propósito, eu queria ser sociólogo, eu queria trabalhar em pesquisa na sociedade, eu queria investigar as condições sociais no país. Isso

eu fiz. Não consegui (mais) fazer até hoje nesse sentido. A única coisa que eu avancei, em termos, assim, de coletar informações, analisar, até dados foi na BEMFAM. Mas a minha postura de desvalorizar a BEMFAM, me levou em uma conduta de não explorar isso. Tu imagina, eu era chefe do Departamento de Estatística. Eu tinha dados de mulheres de idade fértil de 15 a 45 anos no Brasil inteiro, nas clínicas da BEMFAM. Isso é um material de pesquisa, de estudo, das condições de vida, do que, que... Não sei nem se a Gracielle sabe disso... Sabe Gracielle?

**GR:** Não.

**LCF:** Mulheres entre 15 a 45 anos são consideradas mulheres de idade fértil.

**GR:** Eu pensava que era até os 35, não é? Porque falam depois é de risco.

**LCF:** Não. Sim. Aí tem a condição da situação das pessoas, da genética, da saúde das pessoas. Mas em termos de observação da população, que é potencialmente capaz de gerar filhos, é de 15 a 45 anos, sabendo que até depois de 45 tem gente que tem filhos.

**GR:** É. Com risco, mas tem, não é?

**LCF:** Exatamente. Se você for no IBGE, você vai ver que é de 15 a 45. Esse é o grupo de mulheres consideradas em idade fértil. Então, eu tive tudo isso para fazer pesquisa e aprofundar, mas porque eu estava na BEMFAM. E aí, por visão, preconceito e falta de orientação. Eu não tinha ninguém que me orientasse nesse sentido, entendeu? O que tinha era orientação política, o negócio da gente era... E aí, o registro profissional era fundamental, a regularização da profissão era um avanço na luta pela redemocratização, era um avanço contra a ditadura, porque eu cresci no movimento secundarista, sabendo que a ditadura acabou com a Sociologia no Brasil.

**RMJ:** Fiore.

**LCF:** Apesar de... Pode falar.

**RMJ:** Fiore, tá ótimo. Tudo isso está sendo bem enriquecedor para a gente. Aí como a gente... Essa questão da regulamentação que a gente tratou, eu queria que você pudesse falar um pouquinho da campanha...

**LCF:** Da presença dela no movimento sindical. O movimento sindical estava se reorganizando, a fundação da CUT. Eu fui fundador da CUT. Eu fui fundador do PT junto com os outros. Então, a gente acompanhava isso tudo. Mas na APSERJ, minha postura era a regulamentação da profissão, criar as condições de melhorias de trabalho dos profissionais no estado do Rio de Janeiro, era essa a luta em direção ao sindicato. Eu achava que a gente tinha que formar um sindicato de qualquer maneira.

**LP:** Eu também fui derrotado na APSERJ, várias vezes, em relação a isso.

**LCF:** Pois é [risos]. Eu depois mudei de posição. Por que eu mudei de posição? Por conta do aprendizado na prática. Os profissionais eram do IBGE, eles eram profissionais de outros órgãos públicos, eles eram profissionais classificados, contratados com outras nomenclaturas, embora com formação em Ciências Sociais, de sociólogos. Então, no próprio movimento sindical, eu aprendi que a gente tinha que fortalecer a luta do que era predominante na inserção. Então, se você estava inserido em uma indústria... Você era sociólogo, estava lá fazendo estatística da produção, avaliação do comportamento dos operários de antes, do aumento da admissão disso, daquilo, não sei o que... Era sociólogo, mas não era registrado como sociólogo, você era profissional daquela indústria, se era farmacêutica, você era da indústria farmacêutica. Então, eu, no movimento sindical pelo lado da Central Única de Trabalhadores, por uma visão de esquerda, eu evolui para uma posição de você fortalecer a luta da sua inserção. Então, era aquela que te qualificava, te classificava, que te marcava preferencialmente. Então, se o cara trabalhava na indústria química, ele podia ser sociólogo, doutor, o que for, ele no fundo do fundo era químico, e portanto, deveria participar do sindicato dos químicos, e não ficar criando um órgão que alguns colocavam como em uma elite sindical, entendeu? Embora eu nunca achei que a APSERJ fosse ser sindical, ou defendesse isso, entendeu? Então, a minha posição, eu não sei se está claro isso... Isso era uma briga muito grande. O IUPERJ é um dos principais críticos, porque ele torcia o rosto, porque ele achava que as pessoas estavam confusas, que não se definiam, pelo menos os profissionais com quem eu tive contato do IUPERJ não sabiam. E mais tarde eu comecei a defender. Eu nem sei se a APSERJ depois incorporou esse tipo de luta, com essa concepção que eu estou falando, que era fortalecer a inserção profissional do sociólogo, do serviço social, onde ele estava trabalhando como trabalho principal, como inserção principal. Então, se era indústria química, ele



participava de sindicatos químicos, se era isso participava do sindicato... Fortalecer nessa direção, entendeu? E a associação continuava como uma associação, não ia deixar de ter, isso por conta das suas especificidades profissionais, que a gente não conseguiu levar, nem sei mais como é que está, nem sei se tem essa discussão aprofundada de como...porque certamente, requisitos de regulamentação e de proteção ao trabalho profissional dos sociólogos, cientistas sociais, empresas, entidades, e instituições, isso tem para caramba, como tem, e tv, a televisão, entendeu?

**RMJ:** Fiore.

**LCF:** Fala.

**RMJ:** Eu vou te interromper outra vez...

**LCF:** Tudo bem.

**RMJ:** Eu vou insistir na questão da luta pela inserção da Sociologia no Segundo Grau.

**LCF:** Tá. Então, nesse...

**RMJ:** Nos eventos que você lembra.

158

**LCF:** Nesse contexto, que estou colocando para você, que tinha a luta permanente e a preocupação com o foco profissional, e a melhoria na qualidade da inserção do trabalho do profissional aonde eles estiverem. Ao lado disso, começou a aparecer a discussão, um debate entre nós, sobre a inserção, o retorno da Sociologia no Ensino Médio. Duas pessoas, dois profissionais se destacam para mim nesse processo da APSEJ, são o Mauro Petersem e a Paula...

**LP:** Martini?

**LCF:** É. os dois. Eu não sei se na época eles tinham algum vínculo de namoro afetivo, eu sei que eles eram muito unidos, e bateram na porta da APSEJ; a gente estava discutindo, refletindo. Porque a gente estava interessado na luta pela regulamentação da volta da Sociologia no Ensino Médio. E aí, eles abraçaram e eu banquei para que eles assumissem a linha de frente. Eu trabalhava o dia inteiro. Então, era muito difícil. Mas eu fui no IFCS falar com os alunos. Tudo organizado pelo Mauro Petersem e Paula. Eu fui lá no IFCS, e fui em outros lugares que eu não me lembro, foram eventos, e que a gente estimulou

outros alunos a refletirem sobre aquilo e buscarem a profissionalização no Ensino Médio, também, não é, porque eu defendia a graduação e a licenciatura, nunca uma substituindo a outra, entendeu? Eu sempre defendia as duas presentes, e tem gente que defendia só a licenciatura.

**RMJ:** E como é que era a recepção no IFCS e nos outros lugares? Os alunos queriam escutar, os professores?

**LCF:** Participavam.

**RMJ:** Tinham professores universitários que apoiavam? Quem eram?

**LCF:** Tinham, acompanhavam. Não apoiavam, não. Apoiavam tipo “é isso aí, maravilha”. Mas...

**LP:** [risos]

**LCF:** Não iam mais a fundo... [risos]

**LP:** *Cheerleaders.*

**LCF:** "Vamos lá, se você está tocando, está bom", era isso. E na verdade, esta luta pela inclusão da Sociologia, do Ensino de Sociologia no Ensino Médio, no caso do Rio de Janeiro, registrem pela APSERJ, tem que ter o carimbo do Mauro Petersem e da Paula. Eles são as peças principais porque eles eram estudantes e estavam correndo atrás, e tinham uma compreensão de que, como professores, eles iam ter um ofício para poder sobreviver, porque... no mais o que se deduzia “a você fez a graduação em Ciências Sociais, mas é cientista”, legal, beleza. No Brasil, ele era cientista depois de se formar na graduação e ponto final. É assim que faziam a distinção, entendeu? Então, era muito difícil, tinha jovem... Fora o fato de que a gente sabia que tinha muita gente que entrava no curso de Ciências Sociais, porque no vestibular unificado era o que tinha menor concorrência. Então, aquele negócio de estar sendo empurrado pelo pai, pela família, vai fazer universidade, vai estudar, vai procurar um emprego, vai ser alguma coisa na vida, acaba caindo nas Ciências Sociais. Isso, evidentemente, teve efeito nas turmas, no comportamento, mas... Só que ninguém é de pedra, não é, quem entra em uma aula de Ciências Sociais e que não se incomoda, não se sente mexido? A não ser que aquela aula

seja uma viagem do doutorando preocupado com a tese dele, e dos autores que ele tem interesse, aí é a viagem dele sozinho, porque isso acontece.

**RMJ:** Verdade...

**LCF:** Mas aquele professor que monta a aula de acordo com o currículo, de acordo com o programa ou o objetivo de formar o aluno, é diferente. Então, essa...

**RMJ:** Fiore.

**LCF:** Isso daí me leva a fazer uma distinção da formação e da aula de Sociologia no Ensino Médio. Porque não adianta você se formar, botar a Sociologia de volta no Ensino Médio, entrar na sala de aula, e dar aula de Durkheim, Weber e Marx... não tem aluno que aguento isso, principalmente no Ensino Médio, por mais sério que você seja. Não dá para ser assim.

**RMJ:** Fiore?

**LCF:** E aí, eu falo da minha experiência...

**RMJ:** Deixa...

160

**LCF:** Vai.

**RMJ:** Então, só porque é uma curiosidade nossa, na pesquisa, também. Que sentido era esse dado ao Ensino de Sociologia que se defendia, no Ensino Médio, naquela época? Você acabou de falar sobre... Como é que era isso? Era uma Sociologia engajada? Era uma Sociologia para ensinar Ciências Sociais clássica?

**LCF:** Não, sim, o currículo exigia nesse caso. Mas a nossa preocupação, pelo menos a minha e de outros profissionais com quem eu convivia na APSERJ, e que a gente defendia, era de que a Sociologia era a base de formação da cidadania das pessoas. Entrava no currículo, fundamentalmente porque o conhecimento que as pessoas passavam a ter sobre si e o entorno, era fundamental no que dizia a respeito a noção de cidadania, a conquista e a reivindicação de direitos. Essa era a preocupação que a gente tinha.

**GR:** Fiore, você pode falar para a gente agora o que você faz atualmente, e qual é sua profissão na área de Ciências Sociais?

**LCF:** Atualmente eu só dou aula no estado. E no estado de noite. E por ser de noite, numa escola de Botafogo que só oferecia Ensino Médio regular... Mas por reorganização da secretaria de educação do estado, acabou com o ensino regular noturno, e só oferece educação de jovens e adultos, tá? Na modalidade....

**RMJ:** Você dá aula de Sociologia, Fiore?

**LCF:** Eu dou aula de Sociologia.

**RMJ:** Tá ótimo.

**LCF:** E além de Sociologia, eu dou aula de Filosofia... Porque a nossa regulamentação e a nossa profissão, voltando ao nosso tema, no caso, permite que a gente, por exemplo, cubra a falta de professores de Filosofia. A gente pode dar aula de Filosofia, porque o nosso currículo de formação é reconhecido e permite pela Secretaria de Educação. Não substitutivamente, no sentido de reduzir o espaço do professor de Filosofia,.

**RMJ:** Verdade.

**LCF:** Mas cobrir carências, entendeu?

161

**RMJ:** Sim.

**LCF:** Eles reconhecem. Então, eu dou aula de Sociologia e Filosofia em uma escola noturna, para adultos. Adultos que estão fazendo Ensino Médio. Educação de Jovens e Adultos, mas em nível de Ensino Médio.

**GR:** É como se fosse um supletivo?

**LCF:** Como se fosse não, ele é um supletivo.

**GR:** Ele é um supletivo, não é? Ah, sim!

**LCF:** Não é aquele supletivo tradicional, que se tem mais conhecimento.

**GR:** Ah, sim!

**LCF:** É diferente.

**RMJ:** Outro formato.

**LCF:** É uma outra estrutura.

**RMJ:** Outro projeto, não é?

**LCF:** É um outro projeto.

**GR:** E o que você percebe que mudou no Ensino de Sociologia de antigamente com o atual? Você percebe que mudou alguma coisa?

**LCF:** Bom, eu quando estudava no Ferreira Viana, a professora de Sociologia que eu tinha... Eu me lembro muito bem. Eu acho que uma das razões da gente se engajar era que ela nos inseria na discussão da sociedade, tanto no contexto da época de circunstâncias, ela fazia essa ponte, ela não fazia aquele ensino de Sociologia clássica tradicional, entendeu? Que não tem nada a ver.. É um repeteco da graduação muito mal feito, do jeito que eles montam o currículo, é assim.

**RMJ:** Você diz, hoje?

**LCF:** Hã?

**RMJ:** Você está falando sobre hoje?

**LCF:** Não. Hoje, eu me lembro de na atividade estar dando aula de Sociologia com base, e com influência da minha professora do Ferreira Viana, e que na época não praticava essa visão tradicional, clássica da Sociologia, não desconsiderava, mas não colocava aquilo. Botar os alunos para estudar Weber, Durkheim e Marx, entendeu? Não tem cabimento, você não segura uma turma. E o programa é muito isso, entendeu? Introdução à Sociologia, os autores fundadores, não sei o que. Aí eu boto isso de lado, boto uma Introdução à Sociologia para eles terem uma ideia, porque eles querem logo saber “o que é a Sociologia?”, você só vai responder isso quando terminar nossas aulas, por enquanto fica na tua dúvida, na tua cabeça a questão que passo a passo você vai incorporando. Esse negócio de dar uma resposta “teleguiada”, como se fosse um carimbo. Não, não é assim que eu dou aula de Sociologia. Eu trabalho com os temas, eu trabalho com... Agora, por exemplo, eu fiz umas avaliações para EJA 3, que é o último módulo de Sociologia na Educação de Jovens e Adultos, e o tema gira em torno de exclusão e violência. Como a gente não está com aula presencial... Eu estou sem aula presencial desde março. Estou em casa. Desesperado porque eu não aguento mais, e tendo que segurar meu filho que está no desespero, por conta dessa “pirumba”, dessa pandemia. E esses...

**RMJ:** Todos nós, não é?

**GR:** Verdade.

**LCF:** É. E esses caras inventando que querem reabrir a escola e voltar a ter aula. Tá doido! O negócio está sério na pandemia. Mas, enfim...

**RMJ:** Muito sério. Vamos fazer um fechamento, Gracielle?

**GR:** Vamos sim. Vamos fazer um fechamento.

**LCF:** O que mais você queria saber?

**GR:** E aí, Roberto? Eu acho que as perguntas dos adendos acabaram. Você quer fazer mais algum acréscimo, Luiz Carlos?

**LCF:** Não. Eu quero saber se eu respondi ao que você me perguntou.

**GR:** Sim, respondeu. Respondeu, sim. Completinho.

**RMJ:** Foi ótimo, Fiore. Acho que conseguimos alcançar vários pontos do nosso roteiro.

**GR:** Isso aí.

**RMJ:** Sua entrevista foi bem elucidativa, trouxe aqui, informações bem importantes para a gente. E aí, na verdade, acho que a gente pode ir encerrando. E deixando, se você quiser fazer uma fala final, mas já se despedindo. A gente agradece bastante, não é Gracielle?

**GR:** Isso. Agradecemos bastante por essa oportunidade.

**RMJ:** Em nome do PIBID. Gracielle pode fazer as honras dos agradecimentos.

**GR:** Obrigada, então, Fiore. É um prazer estar com você aqui, e vai ser muito importante para a nossa pesquisa, que a gente já está trabalhando aí desde o mês passado, não é. E muito obrigada por estar aqui. É isso.

**LCF:** Tá bom, querida. Muito legal conhecer você.

**RMJ:** Fiore, também agradeço em meu nome, do Lier. Foi ótimo te ver, não te via a muito tempo, não é? A gente vai se encontrar certamente presencialmente. Se você quiser fazer uma finalização para a gente encerrar.

**LCF:** É. Quero sim. Eu quero registrar que hoje, por exemplo, eu me afastei do movimento das Ciências Sociais, da APSERJ, não sei a quantas anda. As coisas têm sido muito difíceis, foram ficando muito difíceis. Mas a militância que eu tive na ACISERJ e na APSERJ contribuíram de forma significativa para a minha formação de cientista social, como sociólogo, e como professor de Sociologia. Eu aprendi muito nesse processo todo que eu tentei passar para vocês conforme as indagações que vocês me fizeram, no que se refere ao que significam a Ciências Sociais e a Sociologia da sociedade, é muito importante. No caso brasileiro, para mim é fundante, é fundamental o ensino de Sociologia estar presente no Ensino Médio. O interessante observar nesse sentido, é que se vocês pegarem um currículo de Geografia, vocês vão ver...

**LCF:** ... que o currículo de Geografia copia, bebe no que é todo um conteúdo sociológico a ser ministrado no Ensino Médio. Não sei se vocês já repararam isso? Observem o que é o currículo de Geografia, porque é Geografia Humana que eles dão. E muito mais Geografia Humanas do que Geografia Física.

**LCF:** Se a Geografia se restringisse ao currículo base de Geografia, eles tinham que estar o tempo todo desenhando o local, o lugar, e não desenhando do ponto de vista sociológico. Porque o que eles fazem em Geografia Humana é fazer um desenho baseado no conhecimento sociológico. Não sei se vocês concordam com isso. Então...

**RMJ:** A gente tem esse debate hoje nas escolas, das fronteiras do que é ensinado, tudo.

**LCF:** Exatamente.

**RMJ:** Geografia, Sociologia, História. Como é que isso?

**LCF:** Eu acho que é importante insistir na licenciatura com essa demarcação, e com esse foco de que no Ensino Médio o que é importante oferecer é o aluno ter acesso a um instrumental, a um contato com uma forma de refletir a sociedade diferente daquela que ele conhece no senso comum. Então, é botar isso para ele, para que ele se perceba dentro da sociedade como um ser pensante, e que ao pensar gera valores, comportamentos, uma série de questões. Esse deve ser o foco do Ensino da Sociologia no Ensino Médio. É fundamental, na minha visão, no sentido da formação da cidadania, do que vem a ser cidadania, como espaço e busca de direitos sociais, políticos, econômicos, e de conquistas nessa direção.

**RMJ:** Perfeito.

**LCF:** É isso.

**RMJ:** Fiore, mais uma vez, obrigado.

**GR:** Muito obrigada!